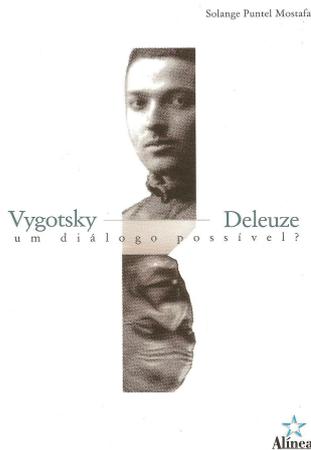


# VIGOTSKY E DELEUZE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

Sérgio Augusto Leal de Medeiros<sup>1</sup>

MOSTAFA, Solange Puntel. *Vigotsky e Deleuze: um diálogo possível?* Campinas: Alínea Editora, 2008, 115 páginas.



Pesquisadores e estudiosos interessados na reflexão sobre a mediação pedagógica na leitura das imagens que circulam, de maneira profusa, na cultura contemporânea, terão no livro de Solange Mostafa (*Vigotsky e Deleuze: um diálogo possível?*), um texto dialógico, instigante, provocativo e, por isso mesmo, permeado de significativas possibilidades teóricas.

Solange Mostafa não pretendeu uma comparação sistematizada entre os dois pensadores. Ao contrário, foi buscando uma arquitetura textual no contraste entre as idéias de ambos, de modo a contribuir para a construção de instrumental teórico que sustente o exercício interpretativo das imagens culturais sob mediação pedagógica no ambiente escolar. Numa cultura contemporânea eminentemente imagética, a escola não pode ficar alheia aos processos de construção de novas linguagens e precisa viabilizar outras possibilidades para o conhecimento construído no processo escolar.

Nesta rizomática arquitetura textual, a autora constrói o texto buscando aproximações entre as concepções de Deleuze e Vigotsky, ressaltando entre eles os pontos irreconciliáveis, mais que as bases comuns. Nesta tensão, no entremeio das duas concepções, foi construindo possibilidades de novos sentidos. O movimento do texto rejeita a filiação ortodoxa e dogmática a uma ou outra corrente teórica e evoca o exercício dialógico como produtor de conceitos e de teorias capazes de responder, ou resolver, os problemas reais da vida vivida. A criação do pensamento, para ser produtiva, diz a autora, deve abandonar o enciclopedismo essencialista, centrado na preocupação com *o que é*, e substituí-la por questões problemáticas desejosas de especificidade, centradas no *como, quanto, em que caso*. Como o artista, o pensador e o filósofo precisam rasgar o caos para criar ou apreciar a obra da vida e transformá-la em objeto estético.

O diálogo é protagonizado, de um lado, por um psicólogo que viveu em uma Rússia revolucionária do início do século XX e, de outro lado, um filósofo que viveu a experiência de uma França envolta na efervescência de maio de 68. Vigotsky é humanista, com traços marxistas em sua concepção de linguagem, sociedade e homem. Deleuze rompe com todas as concepções humanistas introduzindo a *filosofia da diferença* nas ciências humanas. Apesar da contraposição essencial entre o humanismo da psicologia histórico-cultural e a impessoalidade da filosofia de Deleuze, a autora reconhece a existência de bases comuns entre os dois na medida em que ambos buscaram material teórico em Espinosa, interessaram-se pela literatura e pelo teatro, e

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e professor do Colégio de Aplicação João XXIII da UFJF.

conceberam a teoria estética como prática de experimentação e problematização do real. A autora identifica um paralelismo em relação ao estudo sobre a autonomia da obra de arte. Paralelismo que não se mantém afinado no restante da agenda teórica dos autores.

O fio condutor da análise que conduz a construção arquitetônica do livro tem, no primeiro capítulo, a reflexão sobre a filosofia e o senso comum a partir do material televisivo do programa “Ser ou Não Ser”, conduzido por Ana Mosé, na Rede Globo de Televisão. Esse material permite, à autora, contrastar o pensamento kantiano - cujo centro é a concepção de um sujeito transcendental que leva para a realidade as chaves da ordenação do real - com a filosofia de Deleuze, para quem o sujeito é pura ficção: não é o sujeito que pensa, pois não existe um sujeito a priori, existe o pensamento na imanência do mundo em que o ato de pensar é o próprio pensamento.

Depois de demonstrar como na filosofia de Deleuze o conhecimento é algo contingente e imanente, e não transcendental, como em Kant, a autora, nos capítulos seguintes, problematiza o cotejo entre Vigotsky e Deleuze para as questões da estética. No segundo capítulo, discute a questão da linguagem e focaliza a aprendizagem nos capítulos três e quatro. Empreendimento por si só ousado, em se tratando de diálogo entre um psicólogo e um filósofo.

Com base no livro *Psicologia da Arte*, a autora identifica o interesse de Vigotsky em entender o fenômeno estético de modo a levar em conta as emoções, sofrimentos e, ao mesmo tempo, a materialidade do corpo humano em movimento de afirmação do desenvolvimento do homem. Vigotsky procura construir uma teoria do comportamento estético baseado na psicologia, e não na sociologia, apesar de criticar a psicologia de seu tempo preocupada com os indivíduos e não com as relações sociais. Por isso, no campo estético, orienta-se para a construção de um método objetivo-analítico que toma como base não o autor ou a personagem, mas a própria obra. Descartando tanto o idealismo estético como o empirismo, Vigotsky destaca o papel fundamental da forma - e da emoção causada por ela - como momento inicial sem o qual não ocorre nenhuma interpretação artística. Os processos intelectivos motivados pela obra de arte não pertencem à psicologia da arte, mas são oriundos do efeito da obra de arte, de uma conclusão desencadeada pela própria arte. Para ele, o material da obra de arte participa da síntese do objeto estético e a forma é, portanto, fundamental, mas não suficiente para construir uma obra estética.

Preocupado em discutir as premissas psicológicas da reação estética, Vigotsky se vê impelido ao debate com a filosofia. É nesse diálogo que a autora problematiza a aproximação entre Vigotsky e Deleuze, como forma de enriquecer o processo de apropriação das idéias destes pensadores nos estudos e na pesquisa educacional.

Vigotsky denuncia a influência do idealismo com suas compreensões metafísicas sobre a alma, o espírito e os ideais estéticos e, com o Marxismo, pensa a discussão estética com nova chave. Para ele, a natureza psicológica das pessoas é o conjunto das relações sociais transferidas para “dentro”: são as relações sociais internalizadas que constituem o sujeito na dialética indivíduo-sociedade. Mostafa observa que, para Vigotsky, os métodos da psicologia tradicional são estéreis porque tomam como objeto a psicologia do criador ou a emoção do espectador/leitor.

O humanismo marxista de Vigotsky compreende a própria natureza de forma humanizada: natureza só tem sentido ontológico quando integrada à ação do homem que a domina e transforma tendo em vista suas necessidades, transformando, assim, suas próprias condições naturais de existência. Aqui, para a autora, está a base sobre a qual Vigotsky constrói sua teoria sobre os signos e os instrumentos de trabalho. Aqui também, na separação entre signo e instrumento, a autora identifica o principal indício da diferença com a filosofia das multiplicidades de Deleuze.

Para Deleuze, a natureza não está relacionada com a intervenção humana e pensar a natureza é devolver a ela o Ser que lhe é imanente. Os instrumentos técnicos são produções humanas, mas também matéria expressiva antes da ação da mão humana. O ser humano não é um ser, mas um *tornar-se* e as relações sociais são pensadas como um maquinismo, da mesma forma como as relações biológicas ou naturais: relações sociais não se separam de qualquer outro tipo de relação. Os maquinismos não estão na máquina, mas no homem como uma sinergia que se transforma em peça de outra máquina. A autora observa que, em Vigotsky, as relações sociais internalizadas constituem o sujeito, enquanto Deleuze questiona o conceito de internalização porque implica, para ele, em conceito de subjetividade como algo a ser preenchido.

Em Vigotsky, como em Deleuze, a arte é prática de problematização do real e experimentação, entretanto, para Deleuze, não é obra de um ato humano criador em oposição à natureza. Solange Mostafa enfatiza que a proposta de Deleuze é por uma visão cosmológica e não materialista-histórica, menos ainda por uma pretensa psicologia objetiva. Para Deleuze, o Ser-Natureza é uma relação de *expressão* que vai do virtual ao atual, e não simplesmente uma relação de *representação*. São as forças cósmicas que arrastam o homem, compondo com ele, de tal maneira, que a arte torna sensíveis forças que pareciam insensíveis.

A autora percebe que, para Vigotsky, a arte é arte humana de um corpo emocionado e imaginativo, enquanto para Deleuze a arte é ato humano de um corpo afetado pelas forças cósmicas do universo, do Ser-Natureza, cuja força faz o corpo devir-outro. Para Vigotsky, a dialética entre a criação e a contemplação da obra de arte é resolvida no conceito de *catarse*, teorizada como descarga energética corporal de emoções contrárias presididas pelo princípio dialético da contradição. Já Deleuze, afirma a autora, fala em *blocos de sensação*, composto de perceptos e afectos, para explicar a arte como ato criador, e como ato que transcende ao criador.

No contraponto da filosofia de Deleuze e do pensamento de Vigotsky, a autora vai refletindo sobre os conceitos e, sobretudo, vislumbrando os campos de pensamento criados por cada um dos pensadores com suas potencialidades para o pensamento educacional: conceito de signo e internalização, sentido e significado construídos por Vigotsky; a idéia do materialismo histórico-cultural de que as interações sociais participam ontologicamente da constituição do humano desaguando no conceito de zona de desenvolvimento proximal, todos esses, e outros constructos teóricos, são contrastados, pela autora, com a filosofia deleuziana, que pensa os signos distribuídos em regimes e dentro de uma concepção pragmática da linguagem, misturada aos corpos em situação diferente da lógica dos significantes e significados que tornam a linguagem prisioneira das funções psíquicas superiores. Para Solange Mostafa, em Deleuze a linguagem faz o mundo funcionar e não apenas o representa em maior ou menor grau de estabilidade.

É no entremeio das teorias, nas tensões criadas entre um e outro campo de pensamento, que a autora identifica a potência epistêmica para a experimentação estética das imagens culturais em nossa sociedade espetacularizada. O livro vale a pena não só pela originalidade temática, como pelo exercício de profundidade e contundência no trato dos principais fundamentos das teorias e das idéias de pensadores como Vigotsky e Deleuze, como também e, principalmente, pelo foco centrado, não nos conceitos cristalizados dos autores, mas nos dispositivos teóricos e nos campos de pensamento criados por eles como potenciais para novas referências que viabilizem outras análises imagéticas praticadas no ambiente cultural e escolar.